

ANDRÉIA FRANCO DE SOUZA
EDITH MOREIRA
GISELE ANDRADE AMARAL TAVARES
JANAÍNA GANDRA COSTA
NATÁLIA DE OLIVEIRA VIEIRA
VÂNIA CRISTINA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA
ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO CICLO I DO ENSINO FUNDAMENTAL**

UBÁ/MG
2006

ANDRÉIA FRANCO DE SOUZA
EDITH MOREIRA
GISELE ANDRADE AMARAL TAVARES
JANAÍNA GANDRA COSTA
NATÁLIA DE OLIVEIRA VIEIRA
VÂNIA CRISTINA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA
ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO CICLO I DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação de Pedagogia da
Universidade Presidente Antônio Carlos - Campus
II – Ubá, Minas Gerais, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Prof.^a Orientadora: Silvania Maria de Oliveira Manso

UBÁ/MG

2006

Dedicamos essa vitória aos nossos pais que com muito
carinho e amor nos ensinou a ser o que somos.
Aos amigos, companheiros inseparáveis e aos mestres que
tornaram possível a realização deste.

AGRADECIMENTO

A Deus por nos sustentar nos momentos de dificuldades e indecisões.

Aos nossos pais pelos esforços dispensados a nós.

Aos amores, familiares e amigos pela força e confiança.

A todos os mestres que nos ajudaram na construção de nossos conhecimentos e construção pessoal.

RESUMO

O presente trabalho constitui-se de uma monografia bibliográfica que visa discutir e analisar fontes bibliográficas a respeito da apropriação da escrita pela criança. Aprender a escrever de forma correta é uma necessidade. Porém, temos que muitas pessoas têm dificuldades com a escrita da língua mãe dada à complexidade desta, e somada a problemas relacionados ao próprio processo de ensino aprendizagem da escrita na fase da alfabetização. São exatamente as formas de aquisição desse conhecimento acerca da escrita que será trabalhada nessa pesquisa. A língua é um fenômeno social, dinâmico, vivo e mutável, não funciona sempre do mesmo jeito, ela muda de acordo com o contexto, a situação de produção e a intenção do interlocutor. Portanto, a aprendizagem não significa repetir modelo pré-determinado, mas a capacidade de fazer uso da linguagem em diferentes situações de comunicação, usar a língua para seus variados fins. Enfim, não se constrói leitores e escritores através de ensino mecânico.

ÍNDICE DE QUADROS E TABELA

Quadro 1	14
Quadro 2	15

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	5
2.	JUSTIFICATIVA	6
3	OBJETIVOS	7
3.1	Objetivo Geral	7
3.2	Objetivo Específico	7
4.	REFERENCIAL TEÓRICO	8
4.1	Alfabetização e Letramento	8
4.2	A criança e a aquisição da escrita	10
5.	METODOLOGIA	16
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
7.	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é um processo de interação no qual compartilhamos mensagens, idéias, sentimentos e emoções, podendo influenciar o comportamento das pessoas. É através da comunicação que repassamos o que somos, nossos valores e crenças. A comunicação é, portanto, o processo intermediário que permite a troca de informações entre as pessoas.

Comunicar-se é algo tão presente em nossas vidas que pode ser considerado uma necessidade. Pela sua importância, o homem veio criando através dos tempos diferentes modos de se comunicar, mas os principais são através do corpo, da fala ou da escrita, inclusive com o uso de diferentes meios.

Para Silva et al (2006), comunicação corporal ou não-verbal exerce fascínio sobre a humanidade desde seus primórdios, pois envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, como os gestos, expressões faciais, orientações do corpo, as posturas, a relação de distância entre os indivíduos e, ainda, organização dos objetos no espaço

Nos manuais do Procap (1997) contem uma afirmação importante sobre as comunicações oral e escrita. A comunicação oral é adquirida nos contatos do ser humano, enquanto criança, com o meio e na interação com outras pessoas, e é por ela que grande parte da nossa comunicação é feita. A partir do uso da língua, enquanto instrumento de comunicação, a criança descobre enquanto sistema de representação a comunicação escrita.

O modo de se comunicar pela escrita com os avanços tecnológicos ganhou novos aliados, como os chat's e o s e-mail's, substituindo a comunicação por cartas convencionais. Assim fica fácil perceber que a escrita, mesmo com uso de novos meio está sempre muito presente em nossas vidas, e dada sua relevância no cotidiano humano é que a escola foca os primeiros escolares no seu aprendizado.

Segundo Brangagnolo e Dickel (2006), “a *escrita* significa a possibilidade de uma participação política na sociedade e, por sua *função social*, deve ser vista como algo que contribui para a melhoria das condições de vida do sujeito”.

Aprender a escrever de forma correta é uma necessidade. Porém, temos que muitas pessoas têm dificuldades com a escrita da língua mãe, dada à complexidade desta e somada a problemas relacionados ao próprio processo de ensino aprendizagem da escrita na fase da alfabetização.

São exatamente a forma de aquisição desse conhecimento acerca da escrita que será trabalhada nessa pesquisa.

Questões como: Qual seria o papel da escola diante das dificuldades da aprendizagem da escrita? É falha do sistema de ensino ou a falha está no professor? Até onde problemas sociais, físicos, emocionais e cognitivos interferem no processo de aprendizagem? Nortearam a escolha do nosso tema/problema.

2 JUSTIFICATIVA

Perante as transformações da sociedade moderna, o padrão de qualidade profissional exigido atualmente, a necessidade se comunicar de forma eficaz e as alterações tecnológicas no ramo da informação trazidas pela globalização; fazem com que formação básica assumam uma importância ampliada, o que exige cada vez mais do ensino.

A educação infantil, que anteriormente visava à socialização, a interação e a inclusão do aluno, atualmente repassam uma carga maior de conteúdo programático relacionados principalmente com a aquisição da escrita e a leitura. Se há 15 anos, a criança que freqüentava pré-escolar a priori brincava, se divertia e aprendia copiar o nome, nos dias de hoje ela sai dessa fase praticamente alfabetizada.

Frente a tantas modificações, inclusive no sistema de ensino, faz-se necessário variar o número de publicações que ampliem e relativizem os conhecimentos do professor da Educação Infantil e Educação Básica (bem como os demais profissionais do meio escolar) e o auxiliem em sua prática. Quanto maior o número de pesquisas que permitam a construção de saberes, maiores serão as contribuições para as mudanças no cotidiano da escola e para o redimensionamento das práticas pedagógicas.

3 OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

- Conhecer como acontece a aquisição da leitura e da escrita em crianças que são introduzidas nas séries iniciais e nos ciclos de alfabetização

3.2. Objetivo Específico

- Verificar como se dá o processo de ensino-aprendizagem da escrita na educação infantil e nas fases iniciais do primeiro ciclo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, baseamo-nos em pesquisas nas linhas construtivistas e interacionistas, apresentados por autores como, por exemplo, Ana Teberosky, Magda Soares, Silvia de Mattos Gasparian Colello, Antônio Augusto Gomes Batista, entre outros.

Iniciamos nossa análise discutindo as questões referentes à alfabetização e ao letramento. A seguir, fizemos uma reflexão acerca do ponto de vista da criança em relação à escrita.

4.1 Alfabetização e Letramento

De acordo com Batista (2006) no Brasil, quase um terço da população possui baixos níveis de letramento. Entre os jovens e adultos, considerando-se aqueles que têm mais de 15 anos, cerca de 13% são analfabetos, ainda que um terço deles já tenha passado pelo Ensino Fundamental. Entre as crianças, mais da metade das que chegam à 4ª série não têm apresentado um rendimento adequado em leitura e na escrita. Quase 30% dessas crianças não sabem ler.

O autor Colello (1995) acrescenta dizendo que historicamente, as discussões sobre a alfabetização se organizaram em torno da eficácia dos processos (analítico, sintético, analítico-sintético) e dos métodos (silábico, fônico, global). Posteriormente, com a divulgação dos estudos sobre a psicogênese da alfabetização, assistiu-se a um abandono da discussão sobre a eficácia dos processos e métodos.

Na visão de Soares (2006), no Brasil, a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de *alfabetização*, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, o que tem conduzido a certo apagamento da *alfabetização* que, talvez com algum exagero, denomino *desinvenção da alfabetização*, de que trato em seguida.

Nessa linha de raciocínio temos Batista ainda (2006), que complementa dizendo que a fonte de muitos equívocos e polêmicas quanto aos conceitos de alfabetização e letramento é a não-compreensão de que os dois processos são complementares, e não alternativos.

Ainda segundo o autor, a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo que se expressa, diante de uma situação problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência.

O Ceale (2004), afirma que, do mesmo modo que as opções pelos métodos silábico, fônico ou global e as práticas inspiradas no construtivismo, algumas orientações

inadequadas fundadas no conceito de letramento valorizam de forma parcial importantes conquistas como o prazer pelo ato de escrever e a inserção nas práticas sociais da leitura e escrita, mas fragilizam o acesso da criança ao sistema alfabético e às convenções da escrita, deixando em segundo plano a imprescindível exploração sistemática do código e das relações entre grafemas e fonemas. Como consequência, dissocia, equivocadamente, o processo de letramento do processo de alfabetização, como se um dispensasse ou substituísse o outro, ou como se o primeiro fosse apenas ou um período de preparação ou um acréscimo posterior à tarefa restrita de alfabetizar.

São comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem somente aos fenômenos que ocorrem na escola, como resultado do ensino. Entretanto, o termo tem um sentido muito mais amplo: abrange os hábitos que formamos; os aspectos de nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere aos aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida. Alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis.

A respeito da aprendizagem Collelo (2006), faz uma análise dos princípios antes propalados por Vygotsky e Piaget. A aprendizagem se processa em uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que vive. Isso quer dizer que, ao lado dos processos cognitivos de elaboração absolutamente pessoal (ninguém aprende pelo outro), há um contexto que, não só fornece informações específicas ao aprendiz, como também motiva, dá sentido e “concretude” ao aprendido, e ainda condiciona suas possibilidades efetivas de aplicação e uso nas situações vividas.

Seguindo a linha de raciocínio da autora, temos que o processo de aquisição da escrita é um processo de alfabetização, já que a maioria dos autores afirma que a criança não se insere no processo de aprendizagem da escrita quando entra para a escola, mas sim muito antes, quando passa a ter contato com as representações gráficas vivenciadas em seu cotidiano.

Para Baretta (2006), a importância de alfabetizar letrando, isto é, “ensinar a ler e escrever a partir do contexto das práticas sociais para tornar o indivíduo, ao mesmo tempo alfabetizado (domínio do código escrito) e letrado (uso social da escrita)”. Pensar alfabetização numa perspectiva de letramento significa experienciar situações que envolvam a leitura e a escrita numa perspectiva crítica, tendo os professores o papel de oportunizar e concretizar essa proposta.

4.2. A criança e a aquisição da escrita

Ao aprender a ler e escrever, a criança deixa o mundo lúdico e abstrato, para entrar no universo das coisas concretas e complexas, e, portanto a fase de alfabetização é um período que merece cuidado e atenção.

A linguagem escrita está presente desde os primórdios da civilização. Para Teberosky (1992), a escrita conquistou vários domínios e outras funções, até chegar ao seu estado atual nas sociedades ocidentais. O referido autor faz uma análise dessas principais funções, que foram destacadas abaixo.

A função mais conhecida é a de registro ou função mnemônica. As listas desempenham um papel importante como mecanismo de ampliação da memória, mas foi a escrita que permitiu não só registrar como também recordar de forma mais ou menos exata essas listas. A história, como disciplina, originou-se na função mnemônica da escrita.

Uma segunda função relaciona-se com a anterior é a de permitir a *comunicação* à distância, no espaço e no tempo.

A terceira função é derivada de um efeito da escrita: o distanciamento. O meio de transmissão gráfica que materializa a mensagem separa-o não só do seu emissor com relação ao receptor (como é evidente na comunicação à distância), mas também do emissor com relação a sua própria mensagem. A mensagem assume a qualidade de um objeto; essa função é chamada de "*reificação*". O latim *reificare*, que atualmente existe apenas na forma escrita, é o exemplo mais claro de reificação de uma língua por sua escrita. As atitudes tomadas com relação ao que foi escrito estão ligadas a essa função.

Outra função é a de *regulação e controle social do comportamento*. As noções da lei, direito, norma e correção estão associadas à escrita. Quando está escrita, a lei adquire uma autoridade despersonalizada. Além do mais, a existência social dos indivíduos depende do registro escrito: documentos e registros para pagarem impostos, para fazer o serviço militar, para votar. Uma terceira forma de controle social está relacionada ao efeito da escrita sobre a linguagem oral. A linguagem escrita, devido a sua influência sobre a fala de algumas pessoas, torna-se modelo de correção da fala.

Finalmente, uma função estética: grande parte da literatura, sobretudo alguns gêneros, são inimagináveis sem a escrita. Pensemos, por exemplo, em todos os tipos de romance, no drama, em certo tipo de poesia, etc.

Dadas as funções imprescindíveis do uso da escrita, temos que seu processo de aquisição é muito estudado é muito estudado por diversas autoridades das mais diferentes áreas.

Utilizando as palavras de Ferreiro (1992), sabemos, portanto, que escrever não é colocar o que se fala no papel, apesar da escrita ter sua origem na necessidade social de representar a fala. A língua escrita tem que ser trabalhada em todas as suas peculiaridades. É

através da leitura e do contato com os diversos tipos de textos que a criança vai construir sua forma de expressão escrita.

A aquisição da linguagem escrita não pode explicar-se pela simples aquisição de estruturas cada vez mais complexas. Esta aquisição é antes de tudo função do progresso que a criança realiza na compreensão do seu meio e das relações que unem os elementos que o constituem.

Segundo Ferreiro & Teberosky (1999) a escrita não acontece na vida do sujeito através de um estalo fantástico, mas, pela construção de estruturas cognitivas, ou seja, pela construção de níveis de conceitualização que possuem regras próprias ou hipóteses próprias para o seu funcionamento.

Segundo Batista (2004), podemos sintetizar as principais idéias que sustentam os estudos sobre a psicogênese da língua escrita:

- A criança não começa a aprender a escrita apenas quando entra para a escola; desde que, em seu meio, ela entre em contato com a língua escrita, começa seu processo de aprendizado.
- Esse aprendizado não consiste numa simples imitação mecânica da escrita utilizada por adultos, mas numa busca de compreender o que é a escrita e como funciona; é por razão que a escrita é uma aprendizagem da natureza conceitual.
- Na busca de compreensão da escrita, a criança faz perguntas e dá respostas por meio de hipóteses baseadas na análise da língua escrita, na experimentação de modos de ler e escrever, no contato ou na intervenção direta de adultos.
- As hipóteses feitas pela criança se manifestam frequentemente em suas tentativas de escrita (muitas vezes chamadas de escritas “espontâneas”) e, por isso, não são “erros”, no sentido usual do termo, mas expressão das respostas ou hipóteses que a criança elabora.
- O desenvolvimento das hipóteses envolve construções progressivas, por meio das quais a criança amplia seu conhecimento sobre a escrita com base na reelaboração de hipóteses anteriores.

Estudos realizados pelo Ceale (2004), afirmam que condição básica para o uso escrito da língua, que é a apropriação do sistema alfabético, envolve, da parte dos alunos, aprendizados muitos específicos, independentes do contexto e uso, os quais concernem aos componentes do sistema fonológico da língua e às suas inter-relações. Prioritariamente, a apropriação do sistema alfabético pelo aluno do Ciclo inicial, é preciso explicitar aqui também a concepção adotada quanto à natureza específica desse aprendizado e aos múltiplos aspectos que o constituem.

Para Bouton (1997), as crianças deduziriam regras a partir da fala ouvida, passando dos níveis de menor complexidade aos níveis de maior complexidade, simplesmente porque a "espécie" está "programada" numa certa época da vida do indivíduo para operar dessa maneira, a partir das informações lingüísticas recebidas. Segundo este ponto de vista, nenhuma instrução de linguagem formal é necessária. Nós simplesmente mergulhamos a criança em um meio no qual a linguagem é falada e a inata habilidade do cérebro humano deduz as estruturas e regras gramaticais apropriadas que fornecerá à criança a competência lingüística.

A esse respeito, segundo Colello (1995), é decisiva a contribuição de Vygotsky. Este autor provou que diferentes crianças podem resolver problemas acima da sua idade mental (ou estágio de conhecimento) desde que tenham uma pequena ajuda. Naturalmente, essa realização em um nível cooperativo, hoje, prepara para o desempenho individual de amanhã, justificando um melhor aproveitamento na escola. Trata-se de uma predisposição para a aprendizagem em um determinado campo, que faz a maior diferença até entre crianças que estão no mesmo estágio de evolução. A "zona de desenvolvimento proximal" é exatamente a distância entre a idade mental e o nível dos problemas que uma pessoa consegue resolver com a assistência de outra.

Assim, por exemplo, duas crianças que hoje estão na fase silábica podem apresentar diferentes zonas de desenvolvimento proximal, o que justifica o modo como problematizam as suas respectivas concepções e, conseqüentemente, os diferentes ritmos de aprendizagem.

Ainda com segundo as contribuições de Collelo (1995) a implicação dessa descoberta fornece aos educadores uma importante pista sobre a dinâmica do processo de conhecimento. Ela chama a atenção para a necessidade de se estimular as funções em desenvolvimento na criança, voltando a ação pedagógica para o futuro e não para o passado. As atividades desenvolvidas em sala de aula serão mais eficazes na medida em que elas puderem conciliar um limiar mínimo e máximo de dificuldade: devem ser suficientemente fáceis para que possam ser compreendidas e o suficientemente desequilibrantes para representar um desafio. De qualquer forma, o que dá o tom no processo de aprendizagem é o esforço de reflexão para a resolução de problemas

As pesquisas de Teberosky (1992) buscaram descrever e classificar as sucessivas etapas de produção da escrita, tentando compreender o motor que impulsiona esse processo de aprendizagem. Suas conclusões apontam quatro momentos básicos pelos quais passam a maioria das crianças, independentemente do processo de escolarização. Abaixo será apresentada um resumo dessas principais fases.

I) A escrita pré-silábica: é produzida por crianças que ainda não compreenderam o caráter fonético do sistema. Ela pode aparecer das seguintes formas:

- Escrita unigráfica: reflete uma concepção elementar da escrita porque ela é mais ou menos semelhante na representação de diferentes palavras ou textos

(sem diferenciação interfigural); é impossível de ser analisada nos seus elementos constitutivos (letras, ou sílabas). Contudo, essa forma de escrever demonstra que a criança compreendeu o caráter arbitrário do traçado gráfico: o desenho de um gato, por pior que seja, deve guardar alguma semelhança com o animal; a inscrição desse termo está livre do compromisso de fidelidade figurativa. Nesse caso, pode-se dizer que a criança descobriu a possibilidade de representar um gato buscando um recurso não icônico.

- Escrita com letras inventadas: como a criança não conhece as letras convencionais, ela "cria o seu próprio sistema de escrita" cujas partes não têm relação com o valor sonoro do que pretendeu representar. Esse tipo de escrita pode aparecer com ou sem variação inter ou intrafigural.
- Escrita com letras convencionais, mas sem valor sonoro convencional: pode aparecer com ou sem variação figural.

II) A escrita silábica: representa um considerável avanço porque, nessa fase, a criança compreendeu que o sistema é uma representação da fala. Na tentativa de fazer corresponder "partes da fala" com "partes da escrita", ela faz valer uma letra para cada sílaba. Tal como a escrita pré-silábica, as variações da escrita silábica podem ocorrer pela presença de letras convencionais ou inventadas, usadas com ou sem valor fonético convencional.

III) A escrita silábica-alfabética é marcada por um momento de transição, no qual o indivíduo já percebeu a ineficácia do sistema silábico, mas ainda não domina o sistema alfabético. Na tentativa de acrescentar letras, ela acaba usando, numa mesma palavra, os dois critérios, podendo aproximar-se mais do silábico ou do alfabético. O resultado disso é uma escrita aparentemente caótica, nem sempre inteligível.

IV) Quando a criança conquista a escrita alfabética, compreendendo o valor sonoro de cada letra, ela pode ainda estar distante da escrita convencional, na medida em que não domine as regras e as particularidades do nosso sistema. Se considerarmos a ortografia, a pontuação, a acentuação, a divisão do texto em partes (palavras e parágrafos) entre tantas outras particularidades da escrita, pode haver ainda um longo e penoso caminho a ser percorrido.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1986), as sucessivas hipóteses na conquista da escrita revelam, antes de tudo, o caráter essencialmente criativo da construção do saber. Por trás de cada produção "incorreta" e aparentemente aleatória, existe uma infinidade de concepções já formadas, de critérios inteligentes e de tentativas tão fecundadas que, de algum modo, promovem a evolução.

A fim de atualizar o processo de ensino-aprendizagem da escrita, a Secretaria Estadual de Educação/MG, o CEALE/Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação/UFMG, elaboraram no ano de 2004, uma publicação distribuída as escolas públicas deste estado. Consisti num caderno com orientações para a organização do Ciclo de Alfabetização, abaixo seguem 2 quadros relacionados ao uso da escrita:

Quadro 1:
Compreensão e valorização da cultura escrita. Conhecimentos e capacidades a serem atingidos ao longo do Ciclo Inicial de Alfabetização.

Conhecimentos e capacidades	Fase Introd.	Fase I	Fase II
Conhecer, utilizar e valorizar os modos de produção e circulação da escrita na sociedade	I/T/C	T/C	T/C
Conhecer os usos e funções sociais da escrita	I/T/C	T/C	T/C
Conhecer os usos da escrita na cultura escolar	I/T/C	T	R
Desenvolver as capacidades necessárias para uso da escrita no contexto escolar	I/T/C	T	R
(i) Saber usar os objetos necessários para o uso da escrita no contexto escolar:	I/T/C	T	R
(ii) Desenvolver capacidades específicas para escrever	I/T/C	T	R

Fonte: CEALE/MG (2004).

Legenda: I – introduzir; T – trabalhar; C – consolidar; R – retomar.

Quadro 2:
Apropriação do sistema de escrita/Capacidades a serem atingidos ao longo do Ciclo
Inicial de Alfabetização

Capacidades	Fase Introd.	Fase I	Fase II
Compreender diferenças entre a escrita alfabética e outras formas gráficas	I/T/C	R	R
Dominar convenções gráficas:	I/T/C	R	R
(i) Compreender a orientação e o alinhamento da escrita da língua portuguesa	I/T/C	R	R
(ii) Compreender a função de segmentação dos espaços em branco e da pontuação de final de frase	I/T/C	R	R
Reconhecer unidades fonológicas como sílabas, rimas, terminações de palavras, etc.	I/T/C	T	R
Conhecer o alfabeto:	I/T	T/C	R
(i) Compreender a categorização gráfica e funcional das letras	I/T	T/C	R
(ii) Conhecer e utilizar diferentes tipos de letra (de <u>fôrma</u> e cursiva)	I/T	T/C	R
Compreender a natureza alfabética do sistema da escrita	I/T	T/C	R
Dominar as relações entre grafemas e fonemas	I	T/C	T/C
(i) Dominar regularidades ortográficas	I	T/C	T/C
(ii) Dominar irregularidades ortográficas	I	I/T	T/C

Fonte: CEAE/MG (2004)

5 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, um estudo exploratório e descritivo dentro da linha qualitativa de pesquisas sociais.

Segundo os estudos de Salvador (1997) a pesquisa feita em documentos escritos é chamada de pesquisa de pesquisa bibliográfica, quando se utiliza de fontes, isto é, documentos escritos originais, primários, chamam-se de consulta bibliográfica ou estudos exploratórios, quando se utiliza de subsídios da literatura corrente ou obras de autores modernos. Comumente ambos os estudos são chamados pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica merece uma atenção especial por estar presente em qualquer trabalho científico e pela sua facilidade, por dispensar coleta e tabulação de dados.

É verdade que não a pesquisa bibliográfica costuma oferecer dados inéditos, como a pesquisa de campo ou de laboratório. Ressalte-se, porém, que em nada compromete a possibilidade de originalidade dos raciocínios que, a partir deles, possam ser desenvolvidos. O conceito de "inédito não se restringe a "realidade nova". Pode também significar "pensamento novo" a respeito de "realidade velha". (Santos apud Schmid, 2006)

Tendo em vista que a pesquisa bibliográfica é referência essencial para futuros trabalhos e que para exercer tal função deve ser realizada de um detalhado com total esgotamento das fontes disponíveis.

Para que os objetivos da presente pesquisa, enquanto pesquisa bibliográfica, fossem plenamente atingidos optou-se pela divisão do trabalho em etapas.

1. Escolha do tema desejado. Fez-se uma lista de temas atuais e desejados, dentro dos temas propostos, elegeu-se um que mais se aplicava ao futuro profissional das autoras e ao seu uso pelo grupo;
2. Problematização. Nessa fase iniciaram-se as buscas por referências bibliográficas sempre fazendo fichamento dos textos e anotações das referências que iriam compor a lista bibliográfica.
3. Levantamento dos objetivos da pesquisa;
4. Justificativa. Nessa etapa o grupo buscou apoiar-se em informações contidas no material de apoio impresso e em sites da INTERNET;
5. Construção da Metodologia.
6. Produção de um roteiro de orientação para o referencial bibliográfico;
7. Levantamento do Referencial Teórico;
8. Leitura e revisão do texto;
9. Construção da Conclusão do Trabalho;
10. Formulação e normalização da Lista Bibliográfica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desse trabalho foi possível perceber que a criança tem suas vivências fora da escola, a vivência no seu âmbito familiar. Nesses primeiros contatos a criança vai se apropriando da linguagem escrita conforme vai tendo contato com a linguagem escrita através de textos do seu dia-a-dia, como por exemplo, rótulos, receitas, propagandas, entre outros.

De acordo com os estudos da área da lingüística percebe-se que não se constrói leitores e escritores através de ensino mecânico. A língua é um fenômeno social, dinâmico, vivo e mutável, não funciona sempre do mesmo jeito, ela muda de acordo com o contexto, a situação de produção e a intenção do interlocutor. Portanto, a aprendizagem não significa repetir modelo pré-determinado, mas a capacidade de fazer uso da linguagem em diferentes situações de comunicação, usar a língua para seus variados fins.

De acordo com o que foi exposto, nota-se que não se constrói leitores e escritores através de ensino mecânico. A língua é um fenômeno social, dinâmico, vivo e mutável, não funciona sempre do mesmo jeito, ela muda de acordo com o contexto, a situação de produção e a intenção do interlocutor. Portanto, a aprendizagem não significa, repetir modelo pré-determinado, mas a capacidade de fazer uso da linguagem em diferentes situações de comunicação, usar a língua para seus variados fins.

Por isso, foi tão relevante a construção desse material bibliográfico, para que nós, enquanto futuros profissionais da educação possamos pensar criticamente nossa prática pedagógica a fim de respeitar os saberes do aluno e promover sua autonomia, seja na atuação como docente ou na elaboração de projetos educativos como membro da equipe pedagógica.

7 REFERÊNCIAS

- BARETA, D. M. **Alfabetização**: um olhar diferente. UNC: Caçador/SC Disponível em: <http://www.acordeduca.com.br/revistas/rev03_hum/resenha_01.htm> Acesso em 10 de jun. 2006.
- BATISTA, A. A. G. Alfabetização e letramento. In: **Veredas - Formação Superior de professores**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2004. Módulo 5; v.4; p. 25.
- BATISTA, A. A. G. **Alfabetização, leitura e escrita**: salto para o futuro. Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2004/ale/meio.htm>> Acesso em: 10 de jun. 2006.
- BOUTON, C. P. **O Desenvolvimento da Linguagem**. São Paulo: Moraes, 1977. 156 p.
- BRAGAGNOLO, A. e DICKEL, A. **A Linguagem escrita na Educação Infantil**: discussão presentes no cenário acadêmico atual. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt10/gt101289int.rtf>> Acesso em 25 de maio 2006.
- CEALE - CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG. **Orientações para organização do ciclo inicial de Alfabetização**. Belo Horizonte: UFMG; 2004. 61p.
- COLELLO, Silvia M. Gasparin. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- COLELLO, Silvia M. Gasparin. **Alfabetização e letramento**: repensando o ensino da língua escrita. FEUSP. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>> Acesso em 10 de jun. 2006.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- SALVADOR, A. D. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Bibliográfica**. 8.ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 1997. p.32.
- SCHIMID, A. L. **Introdução à metodologia da pesquisa/UFRP**. Disponível em: <<http://www.das.ufsc.br/~gb/files/fazer-tese2.ppt>> Acesso em 02 de jun. 2006
- SELIKOWINTZ. M. **Dislexia e outras Dificuldades de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Revinter; 2001. p.4.
- SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Belo Horizonte: UFMG, s.d. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/outrostextos/semagdasoares.doc>> Acesso em 15 de jun. 2006.
- TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrita**: perspectivas psicológicas e implicações educacionais. São Paulo: Ática, 1992. p.57.